

**FILOSOFIA DA CIÊNCIA MACHADIANA:
REFLEXÕES SOBRE A OBJETIVIDADE CIENTÍFICA NA PSICOLOGIA A
PARTIR D'O ALIENISTA**

Ian Botti¹

RESUMO: Neste ensaio, a novela *O Alienista* de Machado de Assis será analisada a partir de alguns problemas relativos à objetividade da ciência. O que está em discussão é a objetividade da psicologia e da psiquiatria, que podem ser tidas como pertencentes às ciências humanas e suas tecnologias. O Alienista ilustra diversos nuances da concepção popular de quem é o cientista e qual sua função e status social. O nosso objetivo é entender a narrativa da novela a partir de reflexões sobre método e objetividade das ciências humanas, e, simultaneamente, exemplificar estas reflexões por meio da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da ciência, Filosofia da psicologia, Objetividade científica, Machado de Assis.

*MACHADIAN PHILOSOPHY OF SCIENCE:
REFLECTIONS CONCERNING SCIENTIFIC OBJECTIVITY IN PSYCHOLOGY BASED ON
THE ALIENIST*

ABSTRACT: In this essay, Machado de Assis' novel *The Alienist* is examined from the viewpoint of some problems concerning the objectivity of science. The objectivity of psychology and psychiatry is what is under discussion, and both can be regarded as belonging to the human sciences and its technologies. *The Alienist* illustrates many nuances of the folk conception of who a scientist is, and which is his function and status in society. Our objective is understanding the novels narrative based on reflections on method and objectivity in humanities, while, simultaneously, exemplifying these reflections through literature.

KEYWORDS: Philosophy of science, Philosophy of psychology, Scientific objectivity, Machado de Assis.

Introdução

A novela satírica *O Alienista*, de Machado de Assis (1839-1908), é repleta de reflexões filosóficas sobre a mente, o comportamento e a sociedade. As reflexões que nos interessam aqui concernem à objetividade científica nas áreas da psicologia e da psiquiatria,

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: Ian-sb2@hotmail.com

pertencendo ao âmbito da filosofia da ciência. Na primeira seção é feito um resumo da obra, dando destaque a seus aspectos que propiciam reflexões filosóficas acerca da objetividade no que tange à investigação sobre a loucura, empreendida pelo protagonista do conto. Na segunda seção a literatura filosófica (ABEL, 1948; FØLLESDAL, 1979; CUPANI, 2018) sobre objetividade e método nas ciências humanas é introduzida e são feitas considerações sobre a obra a partir dessa problemática epistemológica. Nossa hipótese é que o enredo do conto se desenvolve em torno de um erro metodológico, mais precisamente de interpretação, por parte do alienista.

1. O ALIENISTA ALIENADO E SUA CIÊNCIA

O conto *O Alienista* tem início com a chegada de Simão Bacamarte na vila de Itaguaí. Bacamarte é um médico pesquisador de renome e autoridade no Brasil e em Portugal (ASSIS, 2014). Já na primeira página do conto ele, o alienista, declara sua fidelidade à ciência ao se recusar permanecer em Portugal a serviço do Rei ou como reitor da universidade de Coimbra. Diz ele: “A ciência [...] é meu emprego único; Itaguaí é o meu universo” (*Ibidem*, p. 7). Ao longo da obra sua paixão única e exclusiva pela ciência é enfatizada e se torna matéria tanto de admiração quanto de assombro, perplexidade e descrença, por parte da população local. Esse compromisso irrestrito com a ciência é o que move o enredo do conto e leva as ações do alienista a extremos absurdos e cômicos, apesar de (ou talvez, justamente por) se pretender puramente racional.²

Em Itaguaí, ele se dedica à psiquiatria, tendo como obsessão o estudo da loucura e da saúde mental. Esta ciência era, então, pouco desenvolvida, de modo que o alienista é pioneiro ao estudar o “recanto psíquico, o exame da patologia cerebral” (*Ibidem*, p. 8). Para realizar sua investigação, o alienista recebe financiamento público e privado para construir e manter a Casa Verde, um sanatório onde ele tratava de seus pacientes, que não tardam a se tornar bastante numerosos (*Ibidem*).

Resumindo o enredo e adiantando o *spoiler* aos que ainda não leram a obra, o alienista desenvolve uma primeira teoria que, ao ser posta em prática, tem como consequência que 4/5 da população local é diagnosticada como louca e se torna residente da Casa Verde (*Ibidem*, capt. IV, V, VI, IX, X). Apesar da reação popular contra o alienista (que culmina em uma

² O conto é bastante complexo e profundo, de modo que se faz necessário escolher quais aspectos serão tratados neste texto para não o deixar longo demais. Assim, o humor do conto e a intrincada relação entre ciência, política e religião na sociedade retratada por Machado de Assis serão (infelizmente) negligenciados.

verdadeira revolta e tomada do poder político por parte dos rebeldes), ele só libera todos esses pacientes ao se convencer, por razões científicas, de que a teoria oposta é que seria a correta (*Ibidem*, capt. XI), o que leva à inversão da proporção de loucos na população de Itaguaí: o 1/5 antes livre é levado à Casa Verde para testar a nova teoria e receber tratamento (*Ibidem*, capt. XII). Por fim, quando todos os loucos (de acordo com a segunda teoria) são curados (*idem*), o alienista tem um novo *insight* e conclui que ele próprio é o único louco em Itaguaí (*Ibidem*, capt. XIII). Fazendo o duplo papel de médico e paciente, o alienista passa a ser o único residente da Casa Verde e lá morre depois de alguns meses e nenhum progresso (*Ibidem*, capt. XIII).

A seguir, vamos destacar alguns aspectos da obra que interessam à filosofia da ciência. A saber, como a investigação e o método científico são caracterizados no conto, os critérios que guiam a construção e a avaliação de teorias, e, por fim, as motivações do cientista e sua relação com a sociedade.

1.1 ciência, investigação e método

A investigação científica é algo cuja realização requer tempo e superação de adversidades: “A índole natural da ciência é a longanimidade” (*Ibidem*, p. 7). O alienista começa por abordar seu objeto de estudo a partir de uma “grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos” (*Ibidem*, p. 18), a partir dos quais ele desenvolve sua teoria sobre a loucura e suas categorias. “Isto feito, começou um estudo aturado e contínuo”, ou seja, passou à etapa de teste da teoria, que consistia na observação e análise do comportamento dos pacientes (hábitos, horas de acesso, aversões, simpatias, palavras, gestos, tendências) (*Ibidem*, p. 13).

Como vimos, o alienista conclui que sua primeira teoria é errônea, e de sua segunda teoria surge uma terceira. Sendo que, nessas duas últimas o conceito de loucura difere radicalmente daquele da primeira e, aparentemente, se adéqua melhor ao fenômeno. Tudo isso engloba o método científico, que gradualmente produz teorias mais corretas, na medida em que são identificadas as limitações das antecessoras. Veremos, contudo, que a razão da troca de teoria não é clara e tampouco remete a uma refutação da mesma após testes empíricos como aqueles que ocorrem nas ciências naturais.

1.2 critérios de avaliação teórica e a conceituação da loucura

A teoria inicial consistia em uma separação rígida entre sanidade e loucura, segundo a qual, nas palavras do alienista, “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora

daí insânia, insânia, e só insânia.” (*Ibidem*, p. 19). A resposta do Vigário (um clérigo) a essa ideia premedita o fracasso do alienista: “Com a definição atual, que é a de todos os tempos - acrescentou -, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?” (*Ibidem*, p. 20).

De fato, transpor a cerca tem a indesejada consequência de declarar louca a maior parte da população, e é isso o que leva o alienista a reconsiderar sua teoria e adotar seu exato oposto, ou seja, a hipótese de que o perfeito equilíbrio é que caracteriza a loucura, enquanto a normalidade é o desequilíbrio (*Ibidem*, p. 49). A diminuição da quantidade de loucos é vista como evidência de que a nova teoria é correta, o que, somada à razão da desistência da primeira teoria, parece indicar que a suposição de que há mais pessoas saudáveis do que loucas guia a escolha teórica: “Essa mesma desproporção confirmava a teoria nova; achara-se enfim a verdadeira patologia cerebral.” (*Ibidem*, p. 53).

Os novos pacientes, os perfeitamente equilibrados, são tratados por meio da exposição a tentações e a situações que lhes fizesse sentir e agir de maneira oposta à que lhes é própria:

Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas, - graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. [...] Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. [...]. (*Ibidem*, p. 55-56)

No exemplo acima, o que é tomado como sintoma de loucura é uma virtude moral. Na obra, vícios e virtudes, bem como comportamentos e características psicológicas não valorativas (e.g. alucinações), são tratados como possíveis indícios de doença mental. No início da obra, a loucura é concebida como abrangendo duas categorias principais (furiosos e mansos), e três subcategorias (monomanias, delírios e alucinações) (*Ibidem*, p. 13). Porém, ao decorrer do conto é dado maior peso às falhas morais, não necessariamente associadas a comportamentos e experiências considerados anormais:

Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. [...] Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. (*Ibidem*, p. 46)

Essa gradual mudança de foco em direção a qualidades morais é evidente no contraste entre a primeira classificação de categorias de loucura, já mencionada acima, e a segunda classificação, decorrente da segunda teoria do alienista, que dividia os loucos entre modestos,

tolerantes, verídicos, simplices, leais, magnânimos, sagazes e sinceros (*Ibidem*, p. 54). Isto é, as propriedades dos indivíduos que caracterizavam a loucura eram, a princípio, desordens de comportamento e da experiência subjetiva (percepção, pensamento, crenças), tais como manias e alucinações; posteriormente, vícios e virtudes é que são tomados como principais indícios de saúde mental ou loucura. Este ponto também será retomado na seção 2.

De todo modo, após o tratamento individual, cada louco é curado e se torna perfeitamente desequilibrado, o que evidencia que eles já possuíam dentro de si a capacidade, ou a disposição, de serem desequilibrados e saudáveis. Isso significa que, a rigor, eles não eram loucos, pois tudo o que o tratamento fez foi trazer à tona o desequilíbrio que estava latente (*Ibidem*). Mas, novamente, o extremo a que chega a teoria faz dela insatisfatória: “Pois quê! Itaguaí não possuiria um único cérebro concertado? Esta conclusão tão absoluta não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica?” (*Ibidem*, p. 58). Com isso, o alienista, cujas notórias virtudes morais e intelectuais são exaltadas ao longo do conto, descobre ser o único louco verdadeiro em Itaguaí, e isso é corroborado pelo fato de que, ao recolher-se à Casa Verde, ele não pôde curar a si mesmo.

Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

- Nenhum defeito?

- Nenhum - disse em coro a assembleia.

- Nenhum vício?

- Nada.

- Tudo perfeito?

- Tudo.

- Não, impossível. - Bradou o alienista. - Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade.

- A assembleia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador: Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: - a modéstia. (*Ibidem*, p. 59)

As qualidades intelectuais e morais do alienista são admiradas e, por vezes, postas em dúvida, de tão extraordinárias que são. Mas, também há um estranhamento a respeito delas, o que se vê na recorrente sugestão de que o alienista é louco (*Ibidem*, p. 9, 26, 32, 58): “Nada tenho que ver com a ciência; mas se tantos homens em quem supomos juízo são reclusos por

dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” (*Ibidem*, p. 32). A justificação epistêmica dessa hipótese é, a princípio, a confiança na opinião de pessoas consideradas sãs e que estão de acordo quanto ao assunto. Mais adiante ela é, por fim, confirmada pelo próprio alienista, adquirindo então o status de hipótese cientificamente embasada.

1.3 as motivações do cientista e a relação entre ciência e sociedade

A relação do alienista com a sociedade é complexa e, por vezes, faz parecer que ele tinha motivações egoístas que, na verdade, ele nunca teve. Certamente, a autoridade de Bacamarte, e as competências que o fizeram adquirir tal autoridade, são razões pelas quais ele obteve o apoio do governo local, a benção da igreja e a paciência da população (ainda que esta última tivesse, desde o início, resistido e desconfiado do alienista, não de todo sem razão). Em algumas ocasiões, o alienista sabe o que precisa fazer para que sua pesquisa não seja molestada por forças externas, em outras, ele ignora completamente tais forças, se mantém impassível diante delas e, por sorte, se mantém como uma figura poderosa não só intelectualmente, mas também politicamente.

O alienista supera a desconfiança da Câmara local com sua habilidade retórica, na ocasião de conseguir licença para abrir a Casa Verde. Ele também foi cuidadoso ao lidar com a igreja e separar o âmbito da “explicação divina do fenômeno [da loucura]”, que concerne ao padre, do âmbito da “razão humana, e puramente científica”, que lhe interessa mais (*Ibidem*, p. 12). Porém, ao ser ameaçado por uma revolta popular, a revolta dos Canjicas, o alienista rejeita as demandas da população, em vez de negociar com eles, dizendo que a ciência não dá satisfação a leigos e rebeldes (*Ibidem*, p. 35). Por pura perplexidade diante da resposta do alienista é que os revoltados perdem por um momento a motivação para demolir a Casa Verde e matar o alienista, e, antes que pudessem recuperá-la, há um conflito com o exército, que chega para apaziguar a situação, cujos desdobramentos acabam livrando o alienista de qualquer perigo, e, posteriormente, até mesmo o beneficiam.

As considerações anteriores indicam que há uma relação intrincada entre ciência, política e religião na sociedade, mas há também certa independência entre elas. A intenção do alienista ao lidar com o governo e a igreja é somente ter licença para realizar seu trabalho sem ser incomodado. E as suspeitas de que ele agia em interesse próprio, por ganância são repetidas vezes mostradas infundadas. Primeiro, ele renuncia ao dinheiro que recebia do governo e das

famílias dos pacientes. Depois, ele interna a própria esposa. Por fim, ele se interna após o autodiagnóstico no qual conclui ser louco. Resta aceitar como verdadeira a palavra do próprio alienista, que expressa uma primazia da motivação intelectual sobre a moral, e um completo desconhecimento de motivações relacionadas a dinheiro e poder:

A caridade [...] entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de são Paulo aos Coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada.” O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade. (*Ibidem*, p. 11)

Ao que parece, o propósito do alienista era somente prestar serviço à humanidade por meio da aquisição e da aplicação do conhecimento sobre a saúde mental.

2. OBJETIVIDADE, MÉTODO E INTERPRETAÇÃO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Nesta seção trataremos de compreender O Alienista a partir de três textos: *Objetividade científica: noção e questionamentos*, de Alberto Cupani, *A Operação Denominada Verstehen*, de Theodore Abel (1896-1988), e *A Hermenêutica e o Método Hipotético-Dedutivo*, de Dagfinn Føllesdal. O primeiro nos fornece a noção de objetividade e seus principais elementos, com a qual a investigação do alienista sobre a loucura será comparada. O segundo e o terceiro discutem se a interpretação (*Verstehen*), ou hermenêutica, que é, supostamente, o que torna as ciências humanas singulares, é um método válido e autônomo. Buscamos identificar no conto de Machado de Assis indícios que confirmem ou infirmem a presença da interpretação na psiquiatria, sua autonomia enquanto método, bem como buscamos explicar os erros e acertos do alienista a partir dessa discussão sobre método científico.

2.1 aspectos da objetividade científica

Cupani (2018, p. 48) comenta, sobre a concepção tradicional de objetividade, que ela possui as quatro características seguintes: (i) “*adequação ao objeto pesquisado*”, ou seja, a pretensão de adquirir conhecimento por meio teorias verdadeiras sobre determinada porção da realidade; (ii) “*controle intersubjetivo*”, que é a “*crítica recíproca dos cientistas*”, cujo fim seria o consenso e a validade universal das proposições aceitas; (iii) “*método na pesquisa*”, que deve ser um método público, passível de repetição e verificação do resultado por diferentes

investigadores (o que leva a ii), e, ademais, deve ser confiável no objetivo de alcançar a verdade sobre o assunto (o que leva a i); (iv) “isenção”, pois o pesquisador, pertencente à comunidade científica, que faz uso desse método, em vista da adequação ao objeto, deve possuir pretensas virtudes intelectuais tais como “imparcialidade”, “neutralidade”, “desinteresse” ou “honestidade”, de modo a evitar que preconceitos, preferências, interesses e emoções afetem o resultado de sua pesquisa.

Ao menos nessa primeira elaboração, Cupani enfatiza o controle intersubjetivo e a isenção como meios de obter afirmações “objetivas”, isto é, adequadas ao objeto, e universalmente válidas, deixando o método em segundo plano:

[...] “objetividade” designa a *pretensão* que define a ciência como conhecimento (a tentativa de adequar-se ao objeto), o *modo* de garantir essa pretensão (o controle intersubjetivo das afirmações) e a *condição* para exercitá-la (a superação dos elementos de valor puramente pessoal), três aspectos, aliás, estreitamente vinculados. Nota-se que o segundo tem como reverso a “validade universal” das afirmações que se pretendem objetivas, uma validade que é, ao mesmo tempo, sinal de haver-se atingido a adequação ao objeto e de se haver superado as limitações subjetivas dos cientistas. [...] Em resumo: uma afirmação é “objetiva” se - e na medida em que - atinge seu objeto, vale para todos e não se prende a peculiaridades pessoais. (CUPANI, 2018, p. 48-49)

Agora, vamos tentar explicitar em que medida o alienista e sua ciência são objetivos. De partida, sabemos que ele cumpre o requisito da isenção (iv), visto que sua personalidade é retratada como livre de vícios intelectuais e morais, e suas motivações são puramente epistêmicas, como vimos em 1.3. O alienista é, por excelência, o cientista imparcial, neutro, desinteressado e honesto, que não hesita em trocar de teoria, mesmo que isso faça com que seja considerado louco. Contudo, os outros três aspectos da objetividade são mais elusivos.

É claro que a primeira teoria proposta pelo alienista não é adequada (i), mas e quanto à última? A convicção do alienista já havia se mostrado falha (exatamente ao crer que a primeira teoria era adequada), e estando morto ele não poderia descobrir seus erros (como fez da primeira vez). Podemos supor que sua teoria final estava mesmo correta, e com isso conceder que no decorrer da investigação ele identificou e corrigiu seus erros teóricos, de modo a atingir a adequação ao fenômeno em questão, a saber, a loucura. Entretanto, essa suposição não nos ajuda a entender como ele pôde corrigir suas hipóteses e gradativamente alcançar a verdade acerca de seu objeto.

Quanto ao controle intersubjetivo (ii), o alienista era pioneiro na psiquiatria e investigava aos moldes do gênio solitário, então, pode-se concluir que isso pesa contra a

objetividade de sua pesquisa. Ele também se recusa a discutir abertamente sobre a pesquisa com a população, mas como se tratava de um público leigo, o *input* deles talvez não fosse ser tão bem informado e valioso de um ponto de vista científico, de modo que essa atitude do alienista não é de todo injustificada. Porém, a segunda e a terceira teorias gradualmente se adéquam à suspeita popular, que permeia o livro, de que a Casa Verde era desnecessária (a própria ideia de pôr todos os loucos juntos em um mesmo lugar lhes parecia loucura) e que o alienista era louco (ver 1.2). Isso talvez possa ser entendido como um controle intersubjetivo na construção teórica e na conceituação da loucura, que é, afinal, um termo de uso corrente, cujo significado não pode ser modificado tão radicalmente quanto o fez o alienista, a ponto de romper com nosso entendimento usual dele.

A questão do método (iii), que também é obscura no conto, será abordada a seguir, e, assim como a última sugestão sobre o controle intersubjetivo, terá grande importância em nossa interpretação das crônicas da vila de Itaguaí.

2.2 método e interpretação na psiquiatria

Segundo Abel (1948), a suposta necessidade de um método próprio para entender os fenômenos humanos se deve à dificuldade de estabelecer relações de causa e efeito entre estímulos do ambiente e o comportamento humano. É preciso ser humano e saber o que aquele estímulo significa para nós, para poder interpretar a ação de outra pessoa³, isso é o que distingue os fenômenos humanos dos naturais, que são mais facilmente explicados através de leis causais ou estocásticas. Nós podemos entender por que uma pessoa age de determinada maneira em dada circunstância, pois internalizamos aquela situação e sabemos o que nós mesmos sentimos, pensamos, queremos, e fazemos, naquele tipo de situação (ABEL, 1948). Føllesdal (1979) destaca, ainda, que a hermenêutica surge originalmente como método de interpretação de textos

3 Abel (1948) usa o seguinte exemplo: um homem vê seu vizinho pegar lenha e acender a lareira em um dia frio. Conclui-se que ele fez isso por sentir frio e querer se esquentar - acender a lareira é resposta (consequência) da queda de temperatura (causa) (ABEL, 1948, p. 213). Mas essa resposta não é determinada causalmente. O vizinho agiu com um objetivo, o frio é uma razão para ele querer se aquecer, e não uma causa que determina a ação de pegar lenha e acender a lareira. O problema aqui é que não é possível ter certeza a respeito dessa conclusão. Apesar de ser razoável pensar que a queda de temperatura serve de estímulo para a resposta de fazer fogo, o vizinho pode ter outras razões para tal, por exemplo, estar esperando visitas, querer queimar documentos secretos na lareira ou mesmo ter motivações inconscientes que ele mesmo desconhece. Por isso, a explicação da ação não tem uma forma de causalidade, e envolve, por parte do observador (e do cientista), imaginar e se pôr no lugar do objeto de estudo (o vizinho, no caso) para saber que o frio costuma ser uma razão para fazer fogo (*Ibidem*, p. 213).

teológicos e legais, e só posteriormente passa a ser um método que se aplica a todo e qualquer fenômeno humano.

O método é resumido assim:

A propriedade característica da operação da *Verstehen* é a postulação de um processo interveniente “localizado” dentro do organismo humano, por meio da qual nós reconhecemos uma conexão, observada ou presumida, como relevante ou ‘significativa.’ *Verstehen*, portanto, consiste no ato de trazer para o primeiro plano a sequência intra-orgânica que intervém entre um estímulo e uma resposta. (ABEL, 1948, p. 14)⁴

Abel (1948) fala de três aspectos da postulação de estados internos ao agente: (a) internalização do estímulo, que consiste em imaginar como as pessoas se sentem ao passar por dada situação (estímulo); (b) internalização da resposta, pois, se não temos experiência com o estímulo, então o que avaliamos é a resposta, imaginando o que sentimos quando agimos de maneira similar, com aquelas consequências⁵; e, (iii) máximas do comportamento, que são generalizações que vinculam dois estados internos em uma relação de causa e efeito correspondente aos eventos externos. Evento externo A é estímulo que causa o estado interno A’, que motiva o comportamento observável B, que tem como resultado/objetivo alcançar o estado interno B’. Assim como a internalização de estímulo e resposta, essas máximas são derivadas do autoconhecimento e da introspecção, somadas à imaginação e à suposição de uniformidade entre as emoções e sensações das outras pessoas e as nossas.

Abel (1948) considera essa dependência da experiência pessoal como uma limitação da interpretação, pois, assim, a interpretação depende da quantidade de experiência que a pessoa tem e da habilidade de observação, auto-observação e generalização dela. Nas palavras do autor:

A limitação mais óbvia da operação é sua dependência sobre conhecimento derivado da experiência pessoal. A habilidade de definir comportamento irá variar com a quantidade e a qualidade da experiência pessoal e da capacidade de introspecção do interpretador. Também irá depender de sua capacidade de generalizar suas experiências. Em alguns casos talvez seja possível garantir dados objetivos com base nos quais a verificação de uma interpretação pode ser aproximada. Entretanto, devido à relativa inacessibilidade de experiências emocionais, a maioria das interpretações

⁴ “the characteristic feature of the operation of *Verstehen* is the postulation of an intervening process “located” inside the human organism, by means of which we recognize an observed or assumed-connection as relevant or “meaningful.” *Verstehen*, then, consists of the act of bringing to the foreground the inner-organic sequence intervening between a stimulus and a response.”

⁵ Ou seja, nos casos que conhecemos, explicamos a partir de como reagimos ao estímulo (internalizamos o estímulo), mas nos casos que não temos experiência com aquele estímulo e não conseguimos imaginar imediatamente como nos sentiríamos naquela situação, então é o comportamento resultante que é tomado como base para postular qual estado interno o produziria (internalizamos a resposta).

vai permanecer como meras expressões de opinião, sujeitas apenas ao "teste" da plausibilidade. (ABEL, 1948, p. 216. Tradução nossa.)⁶

Isso significa que uma boa interpretação do comportamento depende de modo excessivo do quão bom o interprete é. Em particular, depende da história de vida do interprete e da compreensão introspectiva que ele tem de si mesmo, além de sua capacidade de fazer generalizações adequadas. São muitos os problemas que surgem: como determinar o que é uma experiência pessoal satisfatória em quantidade e qualidade? Como verificar se o intérprete possui tal experiência? Como o intérprete deve decidir quais aspectos de sua experiência podem ser generalizados ou não? Como saber se nós mesmos estamos aptos para julgar um intérprete como bom ou ruim?

Ademais, a interpretação nos permite apenas criar hipóteses explicativas possíveis e plausíveis, mas não fornece um meio de testar sua veracidade. A *verstehen* “*não é um método de verificação*” (ABEL, 1948, p. 216. Tradução nossa.)⁷. Portanto, a serventia da *verstehen* se limita a criar hipóteses, visto que não temos acesso direto à mente das pessoas, o que impede que saibamos com certeza quais as causas e razões que levam a um comportamento, e se esse comportamento sempre se segue dessas causas e razões (ABEL, 1948).

Essas considerações o levam a não ver a *verstehen* como um método de pesquisa: “Primariamente, a operação da *Verstehen* faz duas coisas: ela nos alivia de uma sensação de apreensão em relação a um comportamento que não é familiar ou que é inesperado e é uma fonte de “palpites” que nos ajudam na formulação de hipóteses.” (Abel, 1948, p. 218. Tradução nossa.)⁸. Tudo o que a operação oferece são interpretações possíveis, baseadas em nossa experiência subjetiva:

Quando dizemos que “entendemos” uma conexão, não implicamos nada além de seu reconhecimento como uma conexão possível. Nós simplesmente afirmamos que, ao menos uma vez, observamos e estabelecemos a conexão, ou sua equivalente, na experiência direta. Mas da afirmação de uma conexão possível não podemos concluir que ela é também provável. Do ponto de vista da *Verstehen* por si só, qualquer conexão é *igualmente* certa. Em qualquer caso dado, o teste da verdadeira probabilidade requer a aplicação de métodos objetivos de observação; e.g.,

⁶ “The most obvious limitation of the operation is its dependence upon knowledge derived from personal experience. The ability to define behavior will vary with the amount and quality of the personal experience and the introspective capacity of the interpreter. It will also depend upon his ability to generalize his experiences. In some cases it may be possible to secure objective data on the basis of which the verification of an interpretation can be approximated. However, owing to the relative inaccessibility of emotional experiences, most interpretations will remain mere expressions of opinion, subject only to the "test" of plausibility.”

⁷ “[the operation] is *not a method of verification*.”

⁸ “Primarily the operation of *Verstehen* does two things: It relieves us of a sense of apprehension in connection with behavior that is unfamiliar or unexpected and it is a source of "hunches," which help us in the formulation of hypotheses.”

experimentos, estudos comparativos, operações estatísticas de dados em massa, etc. (ABEL, 1948, p. 217. Tradução nossa.)⁹

Føllesdal, por sua vez, aproxima a interpretação do método hipotético-dedutivo, que é usado nas ciências naturais. Para ele, “o método hermenêutico é o método hipotético-dedutivo aplicado a material significativo (textos, obras de arte, ações, etc.)” (1979, p. 320. Tradução nossa.)¹⁰. Mas o que é o método hipotético-dedutivo? Se trata da formulação de hipóteses para resolver problemas, e da dedução de consequências testáveis dessas hipóteses, a fim de checar se elas correspondem à realidade. Lembrando que o teste da hipótese não é somente empírico, mas também conceitual, pois se espera que ela seja compatível com o fundo de conhecimento já obtido. E quanto ao “material significativo”? Føllesdal entende essa expressão como “qualquer coisa que expresse as crenças e/ou os valores de um agente.” (1979, p. 320. Tradução nossa.)¹¹. Como vimos com a elaboração de Abel da *verstehen*, o comportamento humano é um material significativo, pois sua explicação envolve necessariamente a referência a estados internos do agente, as razões pelas quais ele age.

Vejam os como a questão do método nas ciências humanas se aplica ao caso do alienista. O proceder do alienista, descrito em 1.1, parece se adequar ao método hipotético-dedutivo, porque se inicia com um problema, seguido da criação de hipóteses (a primeira teoria da loucura) a partir do conhecimento de fundo da área (os textos e exemplos a que o alienista recorre), e, por fim, a dedução de consequências testáveis (a determinação do comportamento que será entendido como sintoma de loucura no diagnóstico). E a interpretação? Ela tem lugar no método usado pelo alienista ao investigar a loucura?

A loucura é um fenômeno humano, que possui uma dimensão social, além dos aspectos biológicos e psicológicos do indivíduo. No uso cotidiano da palavra, ao afirmar que alguém é louco, pretendemos descrever aquela pessoa e sua condição de saúde mental, mas também há uma dimensão normativa associada ao termo, pois o diagnóstico é feito a partir do comportamento observado, e diremos que o comportamento da pessoa é inadequado, e pode

⁹ “When we say we “understand” a connection, we imply nothing more than recognizing it as a possible one. We simply affirm that we have at least once in direct experience observed and established the connection or its equivalent. But from the affirmation of a possible connection we cannot conclude that it is also probable. From the point of view of *Verstehen* alone, any connection that is possible is equally certain. In any given case the test of the actual probability calls for the application of objective methods of observation; e.g., experiments, comparative studies, statistical operations of mass data, etc.”

¹⁰ “the hermeneutic method is the hypothetico-deductive method applied to meaningful material (i. e. to texts, works of art, actions, etc.).

¹¹ “anything that expresses an agent’s beliefs and/or values.”

ser sintoma de loucura, se ele desviar do esperado naquela situação, se ele parecer inadequado com relação ao que nós experienciaríamos e faríamos, que é o que consideramos normal e saudável. Interpretamos uma ação como sintoma de loucura se ela não segue a máxima de comportamento e os estados internos que nós experienciamos naquela situação. Assim, podemos nem nos dar conta de que estamos postulando algo que não é observado no caso (ABEL, 1948), o que pode agravar o sempre presente risco de erro na interpretação.

Esse procedimento interpretativo está presente nos diagnósticos feitos pelo alienista, e parece explicar por que ele erra tão gravemente em sua primeira teoria, pois, como assinala Abel, a qualidade da interpretação depende da habilidade da pessoa de auto-observação e generalização da experiência. Como o alienista é uma pessoa atipicamente racional e virtuosa, seu conceito de loucura como qualquer coisa que escape ao perfeito equilíbrio mental e moral parece se dever a sua experiência subjetiva que não é, de forma alguma, generalizável, ou seja, não é um parâmetro adequado para interpretar o comportamento de outras pessoas. Da mesma forma, a população de Itaguaí falha em compreender as ações do alienista porque postulavam razões que eles conheciam bem, mas que ele, louco, desconhecia, como, por exemplo, a ganância. Geralmente, essa interpretação seria acurada, mas não no caso do alienista.

O problema da falta de testes para interpretações também se reflete no desenvolvimento das teorias sobre a loucura. O alienista só se dá conta de que há algo errado com sua teoria ao perceber que a maior parte da população é diagnosticada como louca, o que é absurdo, pois, enquanto termo normativo, a loucura abarca comportamentos e pessoas que desviam do normal (segundo as máximas e estados internos que postulamos). Seria estranho, portanto, se a maioria das pessoas fosse louca em vez de esse desequilíbrio generalizado ser o normal, e a racionalidade ser uma forma de loucura. É justamente essa a conclusão a que o alienista chega, pondo de lado o conceito de loucura baseado em sua experiência pessoal, em prol de um mais próximo do uso comum das pessoas menos racionais e equilibradas que ele.

Portanto, parece que a troca de teoria se deve à constatação de que o primeiro conceito de loucura proposto não se adequava ao fenômeno tal como socialmente o entendemos - se a teoria entra em conflito com a noção cotidiana de loucura, é a teoria que tem que ser revista, caso contrário, ela deixa de ter como objeto o fenômeno que pretendia ter. É essa inadequação que a reação do Vigário à primeira teoria expressa, pois, o que ele chama de “definição atual e de todos os tempos” de loucura é uma definição implícita, baseada na interpretação das ações

humanas a partir de máximas do comportamento e estados internos comuns, que não são, em absoluto, as máximas e os estados internos do alienista (ver 1.2).

A dimensão social e normativa da loucura, que estamos sugerindo como chave de interpretação do conto, é manifesta na inclusão, e progressiva ênfase, de traços de caráter moral entre os sintomas de loucura. Para o alienista, vícios e atos imorais, por menos nocivos e mais socialmente aceitos que fossem, eram suficientes para a internação do indivíduo, porque escapavam ao perfeito equilíbrio das faculdades mentais que ele próprio experienciava. Na segunda teoria, virtudes e atos moralmente corretos, igualmente aceitos socialmente, passaram a ser entendidos como sintomas de loucura. Que as perfeições morais dos pacientes puderam ser corrompidas pelo tratamento mostra que, na verdade, aquelas pessoas eram tão desequilibradas quanto as demais, dadas as circunstâncias adequadas. Restou apenas ele, o alienista, como candidato a louco. A relação entre as virtudes do alienista e a loucura fica evidente se considerarmos a ambiguidade da opinião pública a seu respeito:

Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. (ASSIS, 2014, p. 60)

Ora ele é admirado por suas de grandes qualidades intelectuais e morais, ora é visto como louco, e ambos por agir de maneira inexplicavelmente racional e pôr a ciência antes de si mesmo e dos demais.

3. CONCLUSÃO

A partir dos textos de Abel e Føllesdal podemos entender o procedimento do alienista como o de uma investigação em ciências humanas, que faz uso da *verstehen*. Inversamente, O Alienista parece corroborar alguns pontos defendidos pelos autores, como, por exemplo, as limitações da *verstehen* ao avaliar as hipóteses criadas e a proximidade dela com o método hipotético-dedutivo.

Atribuímos a incorreção da primeira teoria do alienista a sua interpretação errônea do comportamento humano dito são e normal. Apesar disso, é possível defender que há objetividade na psiquiatria do alienista, seguindo a concepção tradicional de que Cupani fala a respeito, ao menos na medida em que a investigação progride rumo a uma representação mais

fiel do fenômeno estudado (*adequação*), ele faz uso do *método* científico adequado a sua área (hipotético-dedutivo e *verstehen*), realiza algum tipo de *controle intersubjetivo* ao corrigir sua teoria em direção a uma concepção de loucura mais aceitável socialmente, e é tão neutro e imparcial quanto poderia ser - sendo este último o aspecto da objetividade que o alienista mais obviamente satisfaz (*isenção*). Ironicamente, suas virtudes morais e sua motivação puramente científica são o que o levam tanto ao erro teórico quanto à morte.

REFERÊNCIAS

ABEL, Theodore. The Operation Called Verstehen. **The American Journal of Sociology**, Vol. 54, No. 3, p. 211-218, 1948.

ASSIS, Machado de. **O Alienista** (1882). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

CUPANI, Alberto. Objetividade científica: noção e questionamentos. In: **Sobre a Ciência: estudos de filosofia da ciência**. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 45-77, 2018.

FØLLESDAL, Dagfinn. Hermeneutics and the Hypothetico-Deductive Method, **Dialectica**, Vol. 33, No. 3-4, p. 319-336, 1979.

